

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO -
COGEAE

Maria Alzira Guimarães Mendes Suzuki

“A Construção dos Laços Afetivos pelo Marido que Assume o
Filho da Esposa”

São Paulo – SP

2015

Maria Alzira Guimarães Mendes Suzuki

“A Construção dos Laços Afetivos pelo Marido que Assume o
Filho da Esposa”

Monografia apresentada ao curso de
Especialização em Terapia de Família
e de Casal da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo como
exigência parcial para a obtenção do
Título de Especialista em Terapia
de Família e de Casal sob a
orientação da Professora Doutora
Rosa Maria Stefanini de Macedo

PUC-SP

2015

Agradecimentos:

Agradeço, primeiramente a Deus, por me permitir realizar tudo aquilo a que me proponho.

Aos meus pais pelo amparo que a saudade me impulsiona a viver cada dia como menos um na contagem regressiva de nosso reencontro.

Ao meu marido Sérgio por me motivar a seguir em frente não medindo esforços para me auxiliar a realizar meus objetivos. E aos meus filhos Nelson Vitor e Helena Tiemi pela compreensão, por entenderem que estou ocupada e não posso dividir com eles as sessões de cinema, etc.

A minha orientadora Dra. Rosa Macedo por sua generosidade em compreender que há tempo pra tudo, inclusive para chorar a morte da mãe.

A minha amiga e meio-filha Ana Carla Nogueira que me ajudou a juntar as peças do quebra-cabeças e me resgatava do mar de *papeis*.

A minha amiga Maria Arlene Moreira que me deu força para não desistir.

Ao Billy e a Ninna pela companhia constante, ora em cima da mesa, ora embaixo da cadeira, mas sempre com a mamãe.

“José adotou e criou Jesus, filho de Maria, como seu próprio filho”.

(Mateus 1:18)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Dados de identificação dos participantes	31
Quadro 2. Temas	45
Quadro 3. Subtemas	46

SUZUKI, Maria Alzira Guimarães Mendes. *A construção dos Laços Afetivos pelo marido que assume o filho da esposa*. São Paulo, 2015. 53f. Monografia (Curso de Especialização em Terapia Familiar e de Casal) – Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão (COGEAE) - Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP.

RESUMO

A construção dos Laços Afetivos pelo marido que assume o filho da esposa.

Conhecer a dinâmica que possibilita a construção dos laços afetivos entre o homem que se envolve numa relação amorosa com uma mulher com filho e a escassez de trabalhos com esse tema, foi o que despertou o interesse da pesquisadora em realizar esse estudo. Para compreender as motivações internas, interesses e sentimentos que subjazem a formação dos vínculos afetivos desse homem para com o enteado, foi realizado um estudo qualitativo de orientação sistêmica em que foram entrevistados, individualmente, três sujeitos do sexo masculino com idades entre 39 e 51 anos e vivendo conjugalmente há pelo menos 15 anos com mulheres com filhos. O conteúdo das entrevistas foi organizado de acordo com os princípios teóricos que se relacionavam aos temas descritos nas narrativas a saber: laços ou vínculos afetivos, conjugalidade, parentalidade, complexidade do cotidiano familiar, convivência com o pai biológico. O estudo além de confirmar a teoria, mostrou um elemento que carece de novas pesquisas: o novo marido da mãe transforma-se em referência para a criança, mesmo quando o pai biológico é presente.

Palavras-chave: Vínculo afetivo; Conjugalidade; Parentalidade.

SUZUKI, Maria Alzira Guimarães Mendes. *A construção dos Laços Afetivos pelo marido que assume o filho da esposa*. São Paulo, 2015. 53f. Monografia (Curso de Especialização em Terapia Familiar e de Casal) – Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão (COGEAE) - Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP.

ABSTRACT

The construction of Affective Ties by her husband who takes the son of the wife

Knowing the dynamics that allows the construction of emotional bonds between the man who gets involved in a love relationship with a woman with child and the lack of studies with this theme, was what sparked the interest of the researcher to conduct this study. To understand the inner motivations, interests and feelings that underlie the formation of emotional bonds this man to her stepson, a qualitative study was conducted in systemic orientation that were individually interviewed three male subjects aged 39 to 51 years and living martially for at least 15 years with women with children. The content of the interviews was organized according to the theoretical principles that related to the topics described in the narratives namely ties or emotional ties, marital, parenting, complexity of daily family life, living with the biological father. The study not only confirms the theory, showed an element that needs further research: the mother's new husband becomes reference to the child, even when the biological father is present.....

Keywords: Affective ties; Conjugalitv; Parenting.

SUZUKI, Maria Alzira Guimarães Mendes, 1956-

**“A Construção dos Laços Afetivos pelo Marido
que Assume o Filho da Esposa” 2015**

53.: II. color.; 31 cm

Orientadora: Rosa Maria Stefanini de Macedo
Trabalho Monográfico – COGEAE-PUC-SP – Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo. Curso de Especialização em
Terapia de Casal e Família, 2015.

Inclui anexo e bibliografia

1. Dos Laços e Vínculos. 2. Da Família I. Macedo, Rosa Maria Stefanini. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Psicologia Clínica, Núcleo Família e Comunidade. Título.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	v
RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1. DOS LAÇOS E VÍNCULOS.....	2
CAPÍTULO 2. DA FAMÍLIA.....	20
CAPÍTULO 3. DO MÉTODO.....	27
CAPÍTULO. 4. DOS RESULTADOS.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48
APÊNDICES.....	50

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A experiência pessoal da pesquisadora motivou a busca de conhecimento sobre a construção dos laços afetivos pelo marido que assume o filho da esposa, procurando através dos discursos dos participantes deste estudo, compreender as motivações internas, interesses e sentimentos que subjazem a formação dos vínculos afetivos desses homens que se envolvem com uma mulher com filhos. E conhecer as emoções que permeiam essas relações familiares, muitas vezes complexas e conflituosas.

Com o advento do divórcio o tema recasamento ganhou especial atenção, tornando-se relevante o seu estudo por parte dos pesquisadores.

A madrasta tem sido objeto de investigação e suas questões postas em evidência diferentemente do que acontece em relação ao padrasto que não aparece com frequência em trabalhos que apontem a dinâmica do estabelecimento de vínculo com a nova família.

Através deste trabalho de pesquisa, procuramos mostrar um pouco da experiência desse homem que investe numa relação conjugal e ao mesmo tempo numa relação parental. Para tanto o estudo foi dividido em quatro capítulos. No Capítulo 1, foi tratado sobre os laços e vínculos. No Capítulo 2, foi abordado sobre a família. No Capítulo 3, foi apresentado o método de pesquisa. No Capítulo 4, foram apresentados os resultados e as Considerações finais.

DOS LAÇOS E VÍNCULOS

CAPITULO 1. DOS LAÇOS OU VINCULOS

O estudo das relações humanas é um exercício emocional complexo e desafiador para o pesquisador das ciências humanistas. Descortinar o universo dos grupos familiares é algo que nos despertam sensações, emoções e lembranças que todo o tempo põe à prova nossas próprias vivências e experiências, deixando-nos desprotegidos diante dos conflitos que acabamos por identificar como não somente pertencentes ao outro, mas a nós mesmos.

É no ambiente familiar que se processa nosso desenvolvimento físico e mental e onde construímos os laços ou vínculos afetivos que nos acompanharão por toda a vida. E onde, sem dúvida, também colocamos à prova nossa condição humana.

Para entendermos melhor, primeiramente podemos definir “laço” como “nó que desata com facilidade”. Pode também denominar “consanguinidade ou parentesco”. E ainda, “aliança e compromisso”, de acordo com o dicionário Michaelis (2008 p. 504).

A palavra “vínculo”, na literatura científica e jurídica, aparece, muitas vezes, como sinônimo da palavra laço. Diante disso, buscou-se o significado: “vínculo é tudo o que ata, liga ou aperta”. “Atadura, nó, liame”. “Ligação moral”. “Laço jurídico entre o marido e a mulher, no casamento legítimo”. “Relação, subordinação” (MICHAELIS, 2008 p.911).

Teóricos como Sigmund Freud, Melanie Klein, Donald W.Winnicott, John Bowlby e Pierre Benghozi entre outros, desenvolveram estudos a cerca da ligação afetiva e seus desdobramentos no desenvolvimento do ser humano. Inúmeros trabalhos empíricos também foram realizados por vários pesquisadores que se dedicaram em examinar a teoria da ligação e a teoria da dependência, os quais não serão apresentados por receio de estendermos o assunto além de sua real necessidade.

Segundo Bowlby (2006), Freud acreditava que sobre as raízes da vida emocional infantil e a ligação entre os acontecimentos ocorridos na infância estava a estrutura de funcionamento da personalidade do adulto. Embora Freud fosse ignorado pela maioria nessa proposição, havia os que acreditavam em sua teoria. Dentre eles o Home Office do Ministério do Interior em 1955, em Londres, que preconizava que “as experiências passadas na infância de uma criança desempenham um papel vital em seu desenvolvimento e continuam sendo importantes para ela “ e advertia que “a finalidade da família deve ser garantir, tanto quanto possível, que cada bebê seja regularmente cuidado pela mesma pessoa “.

“....o amor materno de que uma criança necessita é tão facilmente encontrado no seio da família e extremamente difícil fora da mesma” (BOWLBY, 1981 p.74).

Entendemos que Bowlby quis dizer por amor materno, não somente o sentimento despendido pela mãe, mas também tudo o que é necessário para o desenvolvimento físico, psíquico e social do ser humano, que somente num grupo familiar é possível encontrar. Esses elementos necessários compreendem o afeto, os cuidados básicos, a segurança material e emocional, os estímulos do intelecto, a inclusão no meio familiar e social e a transmissão de valores.

Mas como se formam os vínculos ou laços afetivos?

Segundo Winnicott (2008), o primeiro vínculo construído pelo ser humano é com a mãe. Nada mais justo, uma vez que a concepção se dá no interior do ventre materno e todo o desenvolvimento físico e mental da criança se processa de maneira tal que envolve essa mulher e esse ser em uma situação de completa intimidade física e psíquica.

Goos (2010), afirma que a criança experimentará muitas das sensações que sua mãe vivenciará durante o período gestacional. Os sentimentos da mãe influenciarão o ser em formação e o bebê refletirá essa influência em seu comportamento depois de seu nascimento.

Logo, a formação do vínculo é algo que se inicia desde muito cedo na vida do ser humano ou ainda com ele próprio. Partindo desse princípio, vínculo afetivo “é uma atração que um indivíduo sente por um outro indivíduo”, de acordo com Bowlby (2006 p.96).

Esse assunto, até pouco tempo não despertava muito interesse da ciência, segundo Bowlby (2006). E foram teóricos etologistas que vieram a preencher essa lacuna com o estudo clássico de Lorenz, *The Companion in the Bird's World* (1935) e com os experimentos sobre imprinting (BATESON, 1966; SLUCKIN, 1964) e também com os estudos do comportamento de vinculação em primatas não-humanos (HINDE & SPENCER-BOOTH, 1967; SADE, 1965) movimento que inspirou os psicólogos a também realizarem experimentos semelhantes com seres humanos (AINSWORTH, 1967; SCHAFFER & EMERSON, 1964) citado por Bowlby (2006 p.96).

Embora os estudos realizados não sejam de caráter universal, lembra Bowlby, (2006), vínculos fortes e persistentes entre indivíduos são a regra em numerosas espécies. E que os tipos de vínculos formados são diferentes entre as inúmeras espécies estudadas. Os vínculos mais comuns revelados são os que se formam entre pais e filhos e entre adultos de sexos opostos. Entre os mamíferos, o primeiro e mais duradouro é entre mãe e seu filho.

Bowlby (2006 p.97) enfatiza que “a vinculação afetiva é resultado do comportamento social de cada indivíduo de uma espécie, diferindo conforme o outro indivíduo de sua espécie com quem ele esteja tratando, isso implica certamente numa aptidão para reconhecer indivíduos”. Diferentemente dos indivíduos vinculados afetivamente que tem como característica principal da vinculação afetiva, manterem-se próximos e resistirem às investidas de outros indivíduos, os indivíduos não vinculados não apresentam o mesmo comportamento de proximidade e resistência. Podemos encontrar entre os animais atitudes semelhantes às dos indivíduos vinculados, por exemplo, quando um macho percebe a aproximação de outro macho no seu ambiente ele reage com agressividade para proteger a fêmea. Se os indivíduos vinculados por alguma razão se separam, cada um deles procurará o outro em algum momento, na tentativa de reatar a proximidade. Quando um par vinculado sofre a tentativa de separação por parte de um terceiro, a defesa é feita pelo parceiro mais forte, que atacará o intruso. O comportamento agressivo do mais forte será decisivo na manutenção dos vínculos

afetivos, assumindo duas formas diferentes de atuação: a primeira ataca e afugenta o intruso e a segunda pune o parceiro inconstante, seja esposa, marido ou filho.

Bowlby (2006 p.98) é categórico ao afirmar que “os laços afetivos e os estados subjetivos de forte emoção tendem a ocorrer juntos como sabem os romancistas e autores teatrais”. Sendo assim, o surgimento de muitas das mais intensas emoções do ser humano aparecem durante a formação, manutenção, rompimento e renovação de laços emocionais. Portanto, apaixonar-se, amar alguém e sofrer por alguém pura e simplesmente é a experiência subjetiva de formação, manutenção e rompimento de um vínculo afetivo. Sentimentos como ansiedade, são gerados a partir de uma possível ameaça de perda do vínculo e tristeza quando acontece a perda real, podendo a combinação das duas pode despertar raiva. Sentimentos positivos também são despertados, como por exemplos, a segurança está ligada a manutenção absoluta do laço afetivo e o prazer relacionado a renovação de um vínculo.

Na opinião de Bowlby (2006), as tentativas de explicar a existência de laços afetivos entre a criança e a mãe e entre os adultos, por parte de psicólogos e psicanalistas, redundaram na suposição de que o fenômeno estava ligado a alimento e sexo. Inúmeros teóricos da aprendizagem como (DOLLARD & MILLER, 1950; SEARS, MACCOBY & LEVIN, 1957) e psicanalistas como (FREUD, 1938) citado por Bowlby (2006 p.98) presumiram, cada um por sua conta, que o fato se originava na alimentação do bebê por parte da mãe. A explicação mais óbvia foi dada em relação ao fator que vincula os indivíduos adultos e o sexo foi considerado como o elemento vinculante ou vinculador. Notadamente, quando os estudos são cuidadosamente verificados, essas explicações não oferecem pleno convencimento. Estudos comprovam que tanto entre as aves como entre os mamíferos, os filhos se vinculam a mãe mesmo quando não são alimentados por ela (HARLOW & HARLOW, 1965; CAIRNS, 1966) citado por Bowlby (2006 p. 98) e que tampouco os laços afetivos entre os adultos são sustentados por relações sexuais. As relações sexuais ocorrem independente, de um vínculo afetivo persistente.

A ontogenia dos laços afetivos sugere que os mesmos se desenvolvem porque os seres nascem com uma forte inclinação para a aproximação de determinadas classes de estímulos, especialmente os que lhe pareçam familiares e em contrapartida inclinados a evitar os estímulos que sejam entendidos como estranhos, podendo oferecer perigo. A vinculação teria como função principal a proteção contra predadores, função essa não menos importante quanto a nutrição e a reprodução para a sobrevivência das espécies. (BOWLBY, 2006).

“Sejam essas hipóteses ou não corroboradas por pesquisas posteriores, a capacidade de um indivíduo para estabelecer vínculos afetivos de um tipo adequado a cada fase do ciclo vital de sua espécie e ao seu próprio sexo constitui, obviamente, uma capacidade tão típica de indivíduos da espécie mamífera quanto as capacidades, por exemplo, de ver, ouvir, comer e digerir. E é muito provável que uma capacidade de vinculação tenha o valor de sobrevivência para uma espécie, tão grande quanto qualquer dessas outras capacidades estudadas desde longa data”, Bowlby (2006 p.99).

Bowlby (1981), afirma que a qualidade dos cuidados parentais recebidos por um indivíduo durante o período de desenvolvimento infantil é de vital importância para a sua saúde mental no futuro.

Benghozi (2010) teórico francês, postula que o termo “vínculo” é utilizado de várias maneiras. Ele ressalta que o Vínculo com “V” maiúsculo que é utilizado por ele para representar apenas os Vínculos psíquicos de filiação e afiliação, têm procedência na realidade externa e na realidade interna. Sendo que a realidade externa é quem mobiliza a atividade psíquica. E ainda que o Vínculo psíquico de filiação relaciona-se aos ascendentes – pais, avós e ancestrais e aos descendentes – filhos, netos e até os indivíduos ainda não nascidos da filiação. E o Vínculo de afiliação diz respeito a aliança conjugal, assim como qualquer outro laço que indique o pertencimento a um grupo, instituição ou comunidade. O vínculo social de afiliação é psíquico e se apoia na realidade sociológica de inserção no espaço grupal social. E que o Vínculo psíquico

insere-se numa conceitualização que ele denomina “malhagem genealógica” (Benghozi, 1994; 2010).

“A malhagem é o trabalho psíquico de construção-desconstrução e de organização dos Vínculos. A desconstrução é no sentido de Jacques Derrida, como a produção de uma nova escrita”. (BENGHOZI, 2010 p. 16 e 17)

Ele propõe o aforismo “O vínculo não é uma relação”. Para ele a relação pode ser conflituosa enquanto o vínculo é claro e bem definido. Logo, um pai se reconhece como pai de seu filho e um filho se reconhece como filho de seu pai, sem alimentarem nenhuma incerteza quanto ao fato e mesmo assim pode haver uma relação conflituosa entre eles. “A transmissão está para o vínculo assim como a comunicação está para a relação “ (BENGHOZI, 2010 p.23)

Num contexto genealógico, destacam-se a transmissão intergeracional que recebe a herança psíquica familiar na sua geração, memoriza, historiciza, transforma, elabora e a transmite à geração seguinte. A transmissão transgeracional recebe a herança psíquica familiar e transmite à geração seguinte em estado bruto, sem transformar e metabolizar, segundo Fainberg, (1988) citado por Benghozi, (2010).

Benghozi (2010), também chama a atenção para afiliação primária e secundária. A afiliação primária está relacionada ao Vínculo de filiação o que se traduz em ser membro da família de origem e do grupo comunitário proveniente da mesma filiação indica o pertencimento afiliativo primário. Em contrapartida, inscrever-se numa instituição, clube ou partido, assim como um processo de adoção de um indivíduo está ligado ao Vínculo de afiliação secundária.

1.1 Vínculo de Parentalidade e Vínculo de Paternidade

De acordo com Zornig (2010), o termo parentalidade vem sendo utilizado pela literatura psicanalítica francesa desde a década de 60 para determinar a dimensão do processo e de construção na dinâmica das relações entre pais e filhos. E que embora outras áreas da ciência tenham se interessado pelo tema como a Antrologia, a Filosofia e a Sociologia foram os estudos da Psicologia e da Psicanálise que trouxeram uma

contribuição mais consistente ao entendimento dos processos psíquicos e mudanças subjetivas geradas nos pais a partir do surgimento do desejo de ter um filho.

O mesmo autor anteriormente citado, lembra que a partir do século XVIII, com o advento do iluminismo e a importância do romantismo, o amor entre casais e entre pais e filhos é priorizado e os arranjos conjugais estabelecidos em bases afetivas e não mais pelas alianças patrimoniais, ignorando as escolhas individuais, como nas sociedades tradicionais. O afeto entre pais e filhos torna-se um fator importante, na formação do indivíduo e a educação um fator de relevância para o desenvolvimento da nação e garantia de uma sociedade saudável.

Bydlowski (2002) citado por Zornig (2010), refere que o desejo de ter um filho pode ir mais longe do que a demanda fálica de completude freudiana e que revela dois significados: um consciente, de ser mãe, relacionado à perpetuação da espécie e o outro inconsciente, ligado à elaboração da feminilidade, às representações da maternidade, ao lugar designado ao filho no inconsciente feminino.

Para Bydlowski e Luca (2002) citado por Zornig (2010), a paternidade está inicialmente identificada edipicamente ao modelo paterno, mas apontam profundas transformações que implicam na reativação de uma relação primordial com a mãe por parte do homem. Com efeito, os transtornos somáticos que afetam o casal durante o período de gestação seriam um exemplo do conflito entre a identificação com o pai e o desejo de maternidade do homem.

Benghozi (2010 p. 160) propõe o seguinte aforismo: “A paternidade não é a parentalidade”. A paternidade está ligada ao Vínculo de filiação, enquanto a parentalidade está ligada a relação. Uma se insere em um nível inter e transgeracional na genealogia da filiação, ao passo que a outra se refere ao exercício da função de pai – Ser pai. O autor no rastro da noção de parentalidade, formula a noção de filialidade. E lembra que “há uma construção de um tornar-se pai com o reconhecimento de ser-pai para essa criança: a parentalidade, e de um tornar-se filho com o reconhecimento de ser-filho para esse pai: a filialidade. São duas formas de nascimento de vínculos psíquicos”.

Bowlby (1981 p.75) esclarece que “uma das finalidades da família é preservar a arte da parentalidade”. E que se essa função, essencial ao desenvolvimento humano, se extinguir na sociedade equivale à extinção dos alimentos. Ele lembra que pode existir algo pior que um ambiente familiar insatisfatório: é a falta de um ambiente familiar.

Para Silva e Amazonas (2010) a construção dos laços parentais está diretamente ligada às esferas intersubjetivas e intrapsíquicas dos pais através da projeção no filho de suas imagens parentais.

Para essas autoras, a parentalidade deriva do desejo dos pais de terem um filho, esse desejo se consolida durante a gestação e continua sendo sentido após o nascimento da criança pelos pais. “O nascimento psicológico de uma criança não coincide com o seu nascimento biológico” (Silva & Amazonas 2010 p.215). Ele ocorre à medida que seu desenvolvimento físico e psíquico avança na direção da conquista de um lugar como parte integrante do grupo familiar. Esse fato, independe da configuração assumida por essa família: nuclear, extensa, monoparental, homoafetiva, recasada, com filhos gerados para salvar a vida de um irmão com doença grave (bebês remédios), filhos gerados através de reprodução assistida ou oriundos de útero emprestado.

No entendimento dessas autoras, a construção dos laços parentais entre pais e filhos pode ocorrer de inúmeras maneiras e ainda de modos diferentes para cada filho. Constitui-se de acordo com o panorama psicológico, socioeconômico e conjugal vivido pelos pais. Portanto, o processo de parentalização pode não atingir um dos filhos, sendo adequado aos demais. Outros fatores podem ter interferência importante na construção desses laços, como o fato de criança ter sido desejada ou não, o filho ser portador de alguma síndrome ou moléstia grave, se a idealização de algumas características por parte dos pais não foi atingida, se o bebê exigiu cuidados excessivos, se foi gerado por pais imaturos durante o período da adolescência, se seu nascimento se deu na mesma época da morte de um dos pais ou avós. As autoras citam Houzel (2004), que ao analisar o processo de transição para o exercício da parentalidade destaca a necessidade do casal se tornar pais, não obstante se tornarem genitores ou tão somente serem designados como pais. E que o caminho é um processo que envolve complexidade em esferas conscientes e inconscientes.

Silva e Amazonas (2010) citam também Ochoa-Torres e Lelong (2004) que enumeraram quatro funções parentais: a função asseguradora, a função estimuladora, a função socializadora e a função transmissora de valores.

As mesmas autoras referem que os laços parentais, constituídos ou não, adequadamente, precisam de atualizações de acordo com as faixas etárias em que os filhos estiverem inseridos. Isso se estabelece através da presença calorosa e contínua dos pais na vida dos filhos e adolescentes, principalmente após a desconstrução do vínculo conjugal, propiciando assim a manutenção da função parental. Quando os vínculos parentais são rompidos ou mesmo quando não tiveram sua constituição estabelecida de forma adequada, os filhos podem sofrer sérios prejuízos psicológicos, uma vez que a função parental está diretamente relacionada à constituição da estrutura do funcionamento psíquico da criança e depois do adulto. As falhas provenientes dessas inadequações ou rompimentos dos laços parentais são de alguma maneira superada pelo indivíduo, em virtude da dimensão simbólica das funções parentais e filiais.

1.2 Ameaça aos laços parentais x Rompimento dos laços conjugais

É fato que não amamos ou nos sentimos pesarosos por qualquer um, mas tão somente por aqueles a quem elegemos como importantes em nossa vida.

Quando ocorre a separação conjugal, mesmo consensual, uma ruptura do vínculo conjugal ou ideal amoroso, construído na formação do casal, também se rompe. O rompimento desse laço atinge a autoimagem e emoções de diferentes intensidades afetam os cônjuges (LEVY, 1996 citado por LEVY, 2012).

Levy (2012) segue esclarecendo que os cônjuges por se sentirem atingidos em sua autoestima e conseqüentemente, pondo em dúvida o seu valor pessoal, podem exagerar ao expor as fraquezas dos parceiros e negar as suas próprias imperfeições. Por sentirem necessidade de manter o conflito, estabelecem jogos perversos dos quais se nutrem e que servem para mantê-los ligados uns aos outros, através do desenvolvimento de atitudes consideradas patogênicas.

De acordo com Cervený (2006), os laços conjugais começam a se desfazer primeiro para um dos cônjuges, que vivencia um luto antecipado, enquanto movimenta dentro de si o rompimento desse vínculo. O outro cônjuge não notou essa movimentação por parte do parceiro ou por alguma razão não quis nota-la e por isso, é surpreendido com a decisão do outro e acaba com menos tempo para assimilar a perda. Esse cônjuge, na maioria das vezes, se sente traído e pode desenvolver reações emocionais negativas, podendo deprimir profundamente ou nutrir um sentimento de destruição em relação ao outro, muitas vezes oscilando entre esses dois estados. É importante salientar que umas das formas de rompimento de laços afetivos mais sentidas pelas crianças, com exceção à morte dos pais, é o rompimento dos laços conjugais por parte dos genitores.

Cervený (2006) lembra que quanto aos filhos, alguns podem notar a possibilidade de separação iminente, outros não podem ou não querem se envolver no conflito vivido pelos pais. Nesse momento os filhos podem ser tomados de grande tristeza ou desenvolver um sentimento de raiva ou ainda de abandono, dependendo de como a separação é tratada na família ou até mesmo como é vista por eles.

Para Dolto (2003 p.11) “a criança que presencia constantes desentendimentos entre os pais vive uma impressão de ameaça constante a sua coesão e dinamismo”. Para a criança é importante uma definição da situação entre os pais. Os pais deveriam explicar aos filhos a diferença entre os laços ou compromissos que unem marido e mulher e os laços ou compromissos dos pais em relação aos filhos. E que embora os vínculos conjugais possam ser desfeitos os vínculos com os filhos não sofrem os mesmos efeitos. Sobretudo em relação à convivência da criança com as duas parentelas ou até mesmo as duas etnias. As duas linhagens, grupos étnicos e os grupos sociais são responsáveis pela integração tanto da criança como dos pais culturalmente, socialmente e historicamente. É frequente após a separação dos pais uma das parentelas ou até as duas desaparecerem. A linhagem que tende a desaparecer é a do genitor descontínuo e isso pode não causar problema no desenvolvimento da criança, mas quando esses indivíduos se tornam pais as consequências são sentidas.

Cerveny (2006); Carter e McGoldrick (1995), afirmam que os divórcios e as separações produzem uma crise no ciclo vital, gerando desestruturação em todo o sistema familiar. E dependendo da fase do ciclo vital em que ele ocorra e de algumas variáveis, como grupos étnicos envolvidos, condição social e econômica, tem consequências específicas, que determinarão o grau de desequilíbrio causado. O período onde ele produz menos estresse é o que precede ao casamento, ou seja, entre casais recém-casados e sem filhos. Isso por causa do número menor de pessoas envolvidas e menos laços sociais construídos.

Os pesquisadores americanos, Carter e McGoldrick (1995), acrescentam ainda, que a fase onde o rompimento do vínculo conjugal se dá com mais frequência é no período denominado por Cerveny & Berthoud (2010) Fase de Aquisição e com filhos pequenos, por ser um período desafiador, onde o casal deveria realinhar as bases do seu relacionamento, assumir o papel de cuidador dos filhos e redefinir a relação com a família, amigos e comunidade. A dissolução do casamento durante a Fase Adolescente pode ser encarada pelos filhos como mais um estressor para somar aos outros próprios da idade. Assim como a separação na Fase Madura, em que os filhos estão sendo lançados pode ocorrer porque os pais ficaram juntos em algum momento do ciclo “pelas crianças” e chega o momento de se libertarem do casamento infeliz.

Para Cerveny e Berthoud (2010) é um momento de reestruturação dos relacionamentos entre pais e filhos e entre o casal. Os pais já sem as obrigações com os filhos e também as responsabilidades profissionais, muitos vivendo a aposentadoria, veem-se voltando seus olhos para o casamento e tendem a evidenciar mais suas fragilidades e enxergar mais pontos negativos que positivos. Reaparecem nessa avaliação as incompatibilidades, as dificuldades de comunicação, divergências de pensamentos, o afastamento ao longo da vida em comum, análises que poderão levar à ruptura do laço conjugal. O divórcio na Fase Última do ciclo vital refletirá como uma onda em todo o sistema alterando a vida de cada membro da família nas três gerações.

1.3 A formação de laços afetivos com o novo marido da mãe

O fim de um relacionamento afetivo, estabilizado por anos de intimidade, amizade, namoro e casamento, é uma experiência complexa e que mobiliza o consciente e o inconsciente de ambos os componentes da dupla conjugal, acarretando sofrimento e podendo gerar situações inoportunas ou inconvenientes, conforme afirmam Silva e Amazonas (2006). Mas Giddens (1993) postula que mesmo com todos esses infortúnios os relacionamentos se refazem e novas tentativas de convivência conjugal são feitas em nome do amor romântico.

De acordo com Lima, Souza e David, (2006), o maior desafio enfrentado pelas famílias recasadas, talvez seja a construção de um relacionamento considerado bom entre o novo marido da mãe e os filhos dela do primeiro casamento, sejam crianças ou adolescentes.

O processo de reconstrução ou reestruturação da vida familiar, para aqueles que estão começando um segundo casamento, é tão ou mais complexo que o início do casamento em si. Longe de obter a desejada “intimidade instantânea”, as novas relações de moradia, os cuidados com a prole exige um longo processo de construção e negociação, nem sempre satisfatório e expressado em constantes conflitos resultando muitas vezes em overdose de sofrimento e novos rompimentos conjugais. Isso acontece porque o novo grupo familiar, por se iniciar no meio do caminho, não tem a seu favor, o mesmo tempo para desenvolver os relacionamentos, ou seja, de maneira mais lenta e progressiva, como o grupo anterior, que teve seu ciclo de vida deslocado pela ruptura do vínculo conjugal. Essas dificuldades são compreensíveis, em virtude das segundas famílias carregarem as marcas e cicatrizes emocionais da primeira. Os relacionamentos que existiam antes entre pais, filhos e avós não podem ser relegados. E os filhos também não desistem do apego ao progenitor, por mais complicada que tenha sido ou ainda seja a relação entre as partes. O exercício da paciência é crucial, para suportar o movimento das fronteiras que agora exigem mais flexibilidade ao contrair e expandir, no tocante, ao ir e vir das crianças ou adolescentes. A tolerância, a criação de espaço e tempo para a construção dos sentimentos de um e de outro também são apontados como elementos fundamentais para o desenvolvimento de um relacionamento bem sucedido na constituição de famílias recasadas (CARTER & McGOLDRICK, 1995; LIMA, SOUZA e DAVID, 2006).

As autoras americanas Carter e McGoldrick (1995) referem que a bagagem emocional trazida de um primeiro casamento é diferente da bagagem emocional trazida da família de origem. Da família de origem são trazidos sentimentos em relação aos pais e irmãos, muitas vezes não resolvidos. E de uma primeira experiência de casamento são trazidos três conjuntos de sentimentos que envolvem os sentimentos referentes a família de origem, apontados acima, assim como, os sentimentos relacionados ao primeiro casamento e os sentimentos da vivência do processo de separação, divórcio e de todo período entre os casamentos. Esse emaranhado de sentimentos, podem deixar o indivíduo mais sensível e com tendência a reações que podem torna-lo uma pessoa autoprotetora, reservada e temerosa de adquirir novas amarguras, colocando barreiras à intimidade ou contrariamente, tornando-se esperançosos, exigentes esperando que o novo casamento compense ou apague as tristezas passadas. Sob qualquer um desses aspectos o novo relacionamento correrá riscos.

Lima, Souza e David (2010) chamam a atenção para o fato de que o novo casal é confrontado imediatamente com as exigências do cotidiano familiar, sem passarem por um período de lua de mel, que favoreça a intimidade e promova a discussão dos arranjos do dia-a-dia, levando-os a implementarem as mudanças necessárias de ordem “pessoal, profissional, de moradia, afetivas e sociais”(p.248). Dão um salto da vida conjugal para a vida parental, sem muita ou nenhuma preparação. A inexistência de acordos prévios entre o casal para definir as estratégias da nova vida familiar, visando facilitar a entrada do novo marido no cotidiano grupo, assim como a forma de resolver possíveis situações envolvendo as crianças e ainda as regras de convivência com as famílias de origem de cada um, levam o casal, que numa tentativa arriscada de proteger o momento apaixonado, a enfrentar maiores dificuldades domésticas diárias, e se confrontar com as exigências provenientes da parentalidade.

Hetherington e Kelly (2003) citadas por Lima, Souza e David (2010) realizaram um estudo longitudinal completo por 40 anos com famílias no estado americano da Virgínia, acompanhando a experiência de cada membro em seus desdobramentos conjugais e descobriram que “as crianças mais novas na época do casamento da mãe mais facilmente estabeleciam um vínculo com o padrasto”(p. 248).

Lima, Souza e David (2010) relatam que de acordo com autores que pesquisam divórcio no mundo, as mulheres e os filhos, na maioria dos casos, ficam empobrecidos

após a separação e que a entrada de um novo elemento pode significar uma melhora material que somente será percebida mais tarde e nem sempre será valorizada ou aceita pelos filhos da mulher. Esse ganho material se expressará através de mudança de casa, bairro, na tentativa de dar a família mais conforto, ou uma mudança até mesmo de cidade, se isso for importante para a carreira do padrasto que é quem viabiliza essa melhoria econômica. Os filhos interpretam como perdas ao contrário dos adultos. Dependendo de como tenha sido anunciado o novo relacionamento pode dar origem a oposição ao novo companheiro e entra em cena o conflito de lealdade que aparece quando a criança vem a gostar do novo marido da mãe. Diferentemente da família biológica, em que cada filho se sente melhor com um dos pais e não tem a necessidade fazer escolha entre um e outro na hora de pedir autorização para algo especial ou compartilhar algo privado, nem se deslocar para outra casa num feriado ou fim de semana.

As lealdades se dividem, quando há o rompimento dos laços conjugais entre os pais, dando espaço para a criação dos conflitos quando um outro adulto ocupa o lugar vazio. Souza e Ramires (2006) citados por Lima, Silva e David (2010 p.251) afirmam que “a lealdade ao pai biológico refere-se ao vínculo e à aceitação de limites e disciplina”. E que o padrasto sofre o confronto e tem seu poder destituído, mesmo quando o pai biológico não está presente.

As fronteiras da família recasada são complexas assim como o sistema é ambíguo, pois incluem diferentes questões, tais como: “Associação – quem são os verdadeiros membros da família?; Espaço – qual é o meu lugar? A que lugar eu realmente pertencço? Autoridade – quem está realmente no comando? Da disciplina? Do dinheiro? Das decisões? etc. Tempo – a quem dedicar meu tempo – e quanto – e quanto tempo eu recebo deles?” para Carter e McGoldrick (1995 p.350), essas questões de suma importância e precisam ser negociadas, uma vez que não existem uma única fronteira em torno de todos os membros da família recasada como na maioria das famílias em primeira união. Um problema de fronteira comum é o ligado aos “tabus de incesto instantâneos” que seria o impedimento moral de membros das famílias unidas de se relacionarem de forma diferente da relação fraternal e parental.

Silva e Amazonas (2010) lembram que o vínculo entre pais e filhos se constitui de inúmeras maneiras e muitas vezes de forma diversa para cada filho. Depende do contexto psicológico, socioeconômico e conjugal construído pelo casal.

Carter e McGoldrick (1995) chamam a atenção para o fato de que quanto maior a diferença entre as vivências do ciclo vital familiar entre os cônjuges, maior será a dificuldade de integração da nova família. Quando os cônjuges estão no mesmo nível de experiência do ciclo de vida eles tendem a ter certa vantagem para o desempenho das obrigações relacionadas aquele ciclo. Eles poderão ter problemas em algum momento durante a criação dos filhos. As reações dos filhos ao recasamento estão ligadas ao fator idade e citam Visher & Visher (1979) que após vários estudos apontaram “as questões mais importantes para os filhos no recasamento que são lidar com perdas; lealdades divididas, o lugar de pertencimento; fazer parte de duas famílias; expectativas pouco razoáveis; fantasias sobre a re-união dos pais biológicos; culpa por ter provocado o divórcio; para os adolescentes problemas relacionados com a identidade e a sexualidade” (p.354). Podem ocorrer vários problemas de comportamento nas crianças ou adolescentes, na escola, afastamento dos membros da família, dos amigos ou ainda comportamentos de atuação que acabam por dificultar ou até mesmo interromper a dinâmica de reorganização da família recasada. Visher e Visher (1979) citado por Carter e McGoldrick (1995) afirmam categoricamente que a relação com os filhos adolescentes são as mais difíceis de ajustar. O ajustamento dos relacionamentos quando o recasamento acontece nas fases posteriores do ciclo vital é cercado de tensão, pois o casal participa nesta fase de dois sistemas que envolvem parentes por afinidade e netos. A probabilidade, nesta fase, é maior dos filhos aceitarem um recasamento por morte de um dos cônjuges do que por um divórcio. Há por parte dos parentes de idosos viúvos, certo alívio, quando este encontra um novo par e volta a se interessar pela vida.

Para as pesquisadoras americanas, o cônjuge solteiro que chega a uma família num recasamento mergulha de forma instantânea em diversos papéis como o de esposa e madrasta e marido e padrasto. A dificuldade óbvia é que o relacionamento entre o cônjuge e os filhos antecede o relacionamento do casal, criando situações de difícil administração. Uma vez que esse cônjuge solteiro e até mesmo o cônjuge recasado não recebeu nenhuma orientação da sociedade quanto a melhor maneira de desempenhar seus papéis o que evitaria muito estresse e poderia dar uma chance maior para que os relacionamentos se desenvolvessem de forma mais satisfatória e sem tantos conflitos.

Não se trata de problemas fúteis, são situações que remetem a falta de uma linguagem de como tratar cada um por seu papel ideal. Como uma criança ou um adolescente irá explicar um irmão de sobrenome diferente ou de repente deixar de ser o filho mais velho para ocupar o lugar de filho do meio ou mais novo? Tudo isso pode parecer banal a primeira vista, mas gera sofrimento e é muito embaraçoso no cotidiano familiar. Além de dificultar a construção dos laços de afetos na nova formação familiar. A administração dos sentimentos conflitantes ou sua negação acarretaram prejuízos ao relacionamento entre os membros da nova família. A tendência a pseudomutualidade ou fusão e o encobrimento dos conflitos, a negação dos sentimentos de mágoa e fracasso trazidos do casamento anterior, provocam mais magoa e separação. A dificuldade no manejo dos sentimentos de medo, desconfiança e fragilidade levam a agir de forma: “Não vamos estragar as coisas desta vez” (p.351).

DA FAMÍLIA

CAPITULO 2. DA FAMÍLIA

“A infância é o chão sobre o qual caminharemos pelo resto de nossas vidas”. Lya Luft

Quando pensamos em família, associamos imediatamente às palavras casa ou lar. É óbvio que casa e lar têm significados diferentes quando os empregamos. Uma casa é apenas um local de abrigo onde podemos morar com indivíduos com laços afetivos mais estreitos e também com pessoas estranhas.. Quanto ao lar, é também um lugar, mas sua conotação é familiar, afetiva e indica que há algum tipo de vínculo entre os conviventes. Este oferece como significado: Casa da família, segundo o dicionário Michaelis, (2008). Logo, associamos família a pessoas unidas por consanguinidade ou laços afetivos, convivendo em um ambiente comum.

O ambiente familiar é onde a criança é primeiramente desejada, concebida, muitas vezes planejada, podendo também ser recebida numa situação de adoção. É neste ambiente que se processam os cuidados e a educação da criança e onde se desenvolvem os jogos afetivos, se constroem as lealdades e solidariedades, os laços de amor e ódio e os vínculos com a sociedade, de acordo com Galano (2006).

Na atualidade, inúmeras tentativas de definir família acabam por descobrir o quanto é difícil escolher uma única definição e o quanto qualquer definição escolhida pareceria incompleta.

Para Macedo (2008 prefácio), “Família é um universo múltiplo e variado cuja complexidade permite um sem número de olhares e reflexões”.

Por ser um sistema complexo, a família vem sofrendo em nosso tempo, inúmeras transformações em suas relações pessoais e seus hábitos e costumes. Distanciando-se do modelo nuclear (pai, mãe e filhos) comum no século passado e absorvendo inúmeras formas de se constituir como alicerce do indivíduo que vive em sociedade (MACEDO, 2008).

O modelo clássico ou tradicional da família brasileira herdado da colonização européia, não mais se sustenta, principalmente pelas profundas mudanças que vem acontecendo no seio da sociedade como um todo. Macedo (2008) lembra que essa mudança influenciada por novos usos e costumes se deve a vários fatores. A principal e mais notada transformação acontece com a mudança do papel da mulher na sociedade que deixa de ser tão somente o de mãe e esposa zelosa e assume importante participação na economia do país, em virtude de seu trabalho fora de casa.

Essa mudança gera outra não menos importante que é esta trabalhadora deixando para engravidar mais tarde para dedicar-se aos estudos, desenvolver melhor a carreira e aproveitar o sucesso profissional, causando o decréscimo nas taxas de natalidade, já afetadas pela redução no número de filhos nas últimas décadas.. Esta nova mulher, que pode fazer escolhas, portanto empoderada, pode inclusive decidir por não se casar ou morar junto com o parceiro e assim mesmo ter filhos naturais com esse parceiro ou ainda escolher um doador num banco de espermatozoides se optar por ter um filho através de uma produção independente . Outra solução é ter filhos adotivos, uma vez que, as novas regras de adoção permitem pessoas solteiras, ou pessoas que vivam juntas e inclusive casais homossexuais adotarem crianças, o que faz aumentar o número de pais e mães solteiros, comportamento inviável em outras épocas. Outro fator também transformador foi a flexibilização no tocante ao casamento oficial, casais que escolhem morar juntos, sem oficializar a união e o grande aumento de casos de divórcios e recasamentos. E as mudanças não param de acontecer, mostrando que o aumento da expectativa de vida também assume grande importância nessa transformação da sociedade, gerando expectativa para acolher esse idoso ainda produtivo que tem na Medicina uma parceira a proporcionar-lhe mais qualidade de vida e prazer (MACEDO, 2008).

2.1. Família e sexualidade na modernidade líquida

Falar de mudanças na sociedade, de inúmeras configurações de famílias na atualidade, de novos costumes, da conquista do poder da mulher sobre o próprio corpo, lembram umas das molas propulsoras responsáveis por boa parte dessa movimentação na vida pessoal e familiar dos indivíduos que se chama sexualidade.

O termo sexualidade aparece pela primeira vez no século XIX, segundo Foucault (1987). E de acordo com Giddens (1993) que aceita os argumentos de Foucault quanto às origens sociais da sexualidade, mas situa esses argumentos numa estrutura interpretativa diferente, quanto às conexões da sexualidade com o amor romântico, fenômeno ligado às mudanças na família.

Heilborn e Brandão (1999) postulam que o desenvolvimento dos métodos contraceptivos na década de 60 e o aparecimento da epidemia HIV, nos anos 80, foram o ponto de partida para a desvinculação da sexualidade do processo biológico de reprodução humana. E que esses acontecimentos impulsionaram as pesquisas sobre os sistemas de práticas e representações sociais vinculados a sexualidade, legitimando o campo de investigação formado.

A revolução sexual, do ponto de vista dos gêneros, não significou um avanço na permissividade sexual, ela envolve dois elementos básicos como a revolução da autonomia sexual feminina e que trouxe consequências profundas para a sexualidade masculina e é considerada uma revolução inacabada e o florescimento do homossexualismo masculino e feminino, segundo elemento dessa revolução, com a demarcação de um novo campo sexual, não ortodoxo. Cada uma dessas construções tem um vínculo com o livre arbítrio sexual anunciado pelos movimentos dos anos 60, embora não tenha sido direta a contribuição para a emergência da sexualidade plástica (GIDDENS, 1993).

Para Bauman (2001) a sexualidade humana não está ligada ao jogo sexual, única e exclusivamente, mas a um grupo de outros fatores como atitudes, ações, impulsos e hábitos que favorecem o contato entre os indivíduos e o desenvolvimento de uma relação. O coito é parte integrante da sexualidade, mas não é somente isso. A sexualidade é comumente encarada como fonte de prazer sexual e o indivíduo como um objeto de prazer imediato, uma vez que ambos se encontram mergulhados no consumismo reinante na modernidade líquida em que nossa sociedade vive e que provoca o descarte que podemos observar das coisas e também dos relacionamentos. O consumismo tomou conta de tal maneira do comportamento humano que até os sentimentos são regidos por um imediatismo, promovendo insegurança e angústia cada vez mais crescentes no cotidiano do ser humano, além de uma busca incessante de algo que o indivíduo não consegue identificar. Tudo influenciado pelo mundo capitalista que

não poupa o ser humano e pelo contrário castiga este com a troca constante de objetos de consumo e dentre eles os afetos relacionais, deixando os laços afetivos frágeis e frouxos, não sendo possível um investimento para uma relação de longo prazo. São tempos líquidos, amores líquidos, relações líquidas e fluídas que escorrem com a mesma velocidade que o tempo passa e que não deixam rastros para uma construção de vínculos duradouros.

2.2. A Família e o Ciclo Vital

Segundo Carter e McGoldrick (1995), os membros de uma família movem-se unidos através do tempo pelo ciclo vital. E que esse grupo a que nos referimos se conceitua de acordo com suas próprias perspectivas. A família americana, por exemplo, se define a partir do conceito nuclear, incluindo outras gerações WASP (*White, Anglo-Saxon and Protestant*) e considerando que eram brancos, anglo-saxões, originários do norte da Europa e protestantes e pertencentes à classe social dominante que detém o poder de decisão ou influência na sociedade de acordo com McGill e Pearce, (1982) citado por Carter e McGoldrick (1995). Já os italianos não consideram o formato nuclear. Para eles família é toda a rede ampliada de membros desde filhos, tios, primos e avós, que mantêm laços estreitamente próximos, encontrando-se com frequência e envolvendo-se em todas as fases do ciclo e não obstante na tomada de decisões importantes a vida familiar, chegando a dividir em muitos casos a própria residência conforme afirma Rotunno e McGoldrick, (1982) citado por Carter e McGoldrick (1995). As famílias negras, abrangem uma vasta rede informal de parentesco, que inclui desde os vínculos consanguíneos até amigos de longo tempo que são considerados como membros da família afirmam Stack, (1975); Hines e Boyd (1982) citado por Carter e McGoldrick (1995). Os chineses consideram família todos os seus ancestrais, assim como todos os seus descendentes. Todos os seus atos giram em torno da família de forma a propiciar Vergonha ou Orgulho ao grupo inteiro de gerações. Nas famílias de origem asiáticas, é costume e tradição as mulheres perderem o nome de família e adotarem o nome da família do marido, o que vale dizer que as famílias asiáticas se constituem por todos os ancestrais e descendentes considerando apenas do grupo familiar do marido postulam Kim e Cols., (1981); Kim, (1985) citado por Carter e McGoldrick (1995). Nas famílias japonesas, um dos

costumes observados pela pesquisadora diz respeito a descendência do nome de família. Em primeiro lugar a mulher perde o nome do pai e adota o nome do marido, mas se a mulher for filha única e descender de importante linhagem, o marido poderá adotar seu nome de família e receber todas as honras de filho do sexo masculino, inclusive a herança do sogro em detrimento da própria esposa.

Estas mudanças ou transformações, pelas quais passa a sociedade de tempos em tempos, ocorrem ao longo do Ciclo Vital e são vivenciadas pela família, conforme Cerveny (2010) enfoca que o ciclo vital tem início com o movimento de escolha do companheiro (a), a formação do casal, o nascimento do primeiro filho e a criação dessa criança. Esta fase do ciclo denominada de Fase de Aquisição, onde o material e o emocional estão em constante construção. O período seguinte – Fase Adolescente, considerada uma fase emocional de transição, onde a primeira característica a chamar a atenção é a perda de limites quanto à hierarquia, seguida das alterações dos padrões de relacionamento, inclusive dos próprios pais que a exemplo dos filhos adolescentes, também adolecem, passando a se preocupar com a idade, questões de estética, além de se comportarem de forma as vezes considerada inadequada para a idade, mudando a maneira de vestir e frequentando lugares frequentados pelos filhos, na tentativa de vivenciar uma segunda adolescência. Nesta fase ocorrem o maior numero de divórcios, muitas vezes em virtude de um dos pais não ter acompanhado o mesmo movimento do parceiro e entrado na segunda adolescência e por isso esse cônjuge acaba por assumir o peso de conduzir a família sozinho. A Fase Madura é inaugurada com a saída de um filho de casa, frequentemente pelo casamento ou para morar sozinho, a entrada de outros membros como genros e noras e a chegada inesperada ou planejada do primeiro neto causam diretamente essa entrada na fase madura. É também a fase que marca a necessidade de cuidar dos idosos, pais ou sogros que estão chegando à terceira idade e muitas vezes precisam de auxílio emocional e até mesmo material, dos filhos e netos. Cada fase tem seu nível de estresse e muitas vezes esse estresse é causado tanto por acontecimentos positivos como negativos no ciclo vital.

Carter e McGoldrick (1995), apontam que atualmente, sintomas e disfunções, produzidos pelo estresse familiar tendem a ocorrer em pontos de transição do ciclo vital, criando rompimentos neste ciclo. E citam estudos de Hadley e seus pares (1974) que relatam o início dos sintomas está relacionado de forma significativa às crises de aquisição ou perdas de membros da família.

Se no passado, respeitar os pais e manter os idosos sob os cuidados da própria família tinham sua base nos ensinamentos religiosos, no controle de recursos pessoal e financeiro e ainda nos valores morais ratificados pela própria sociedade, na atualidade o mesmo não acontece. Em nossos dias, os membros mais jovens, conduzidos pela cultura individualista, determinam seus próprios caminhos na vida profissional, nos arranjos de casamento oficial ou não, na quantidade de filhos a gerar e até em como dividir as obrigações familiares com os idosos. Os mais velhos perderam a força para manter o controle sobre a exigência do amor filial. O que no passado remoto era encarado como responsabilidade das mulheres, manter os relacionamentos entre os membros de uma família, os cuidados e educação das crianças, cuidar dos homens, idosos e doentes. No presente já não acontece, embora a nossa sociedade, não tenha assumido a responsabilidade na criação de novas formas de arranjar adequadamente o cumprimento dessa responsabilidade, deixando pessoas pobres e desamparadas, na maioria mulheres e crianças, fracassarem em suas tentativas de resolver essas questões. Não se pode retornar aos costumes do passado, mas se pode estimular o que de melhor existe nas relações entre familiares, reconhecer a ligação de vida com quem veio antes ou depois e em qualquer estrutura familiar. É fato que não se escolhe entrar numa família a não ser pelo casamento (CARTER & McGOLDRICK, 1995).

DO MÉTODO

CAPÍTULO 3. DO MÉTODO

"O verdadeiro método, quando se tem homens sob as nossas ordens, consiste em utilizar o avaro e o tolo, o sábio e o corajoso, e em dar a cada um a responsabilidade adequada."
Sun Tzu (544 a.C. - 496 a.C.)

O interesse que motivou este trabalho surgiu da experiência pessoal da pesquisadora e da necessidade de ampliar o conhecimento e compreender como se processa a construção dos laços afetivos entre o novo marido e o filho da esposa.

O objetivo principal foi levantar junto aos participantes as motivações internas, os interesses e os sentimentos que subjazem a formação dos laços afetivos desse homem, numa contexto que envolve também a construção da conjugalidade e o exercício da parentalidade numa família em reconstrução.

A convivência de novos maridos e novas esposas com crianças remanescentes de casamentos desfeitos é cada vez mais frequente em nossa sociedade atual e merece ter seu contexto conhecido através de pesquisa para entendimento dos comportamentos humanos e facilitar o atendimento psicológico de famílias em situação de conflito.

3.1. Relevância

Essa pesquisa pode despertar um novo interesse sobre os questionamentos levantados nos depoimentos dos participantes a cerca dos vínculos construídos por esses homens que criaram o filho da esposa.

3.2. Objetivos

Constituem os objetivos deste estudo:

Geral:

- Compreender as razões que levam um indivíduo a assumir o filho de outro homem como seu.

Específicos:

- Levantar com os participantes os sentimentos que subjazem a escolha de assumir pela adoção formal ou não uma criança filha de sua esposa com outro indivíduo;
- Compreender os significados atribuídos a essa criança por este homem e o que o difere dos demais homens;
- Buscar identificar características que esses indivíduos possam ter em comum que os tornam de outros homens que não se encontram nessa situação.

3.3. Justificativa

O interesse em pesquisar esse tema surgiu da experiência pessoal vivida e da necessidade de conhecimento para o desempenho profissional.

3.4. Tipo de pesquisa

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, de orientação sistêmica, onde pesquisador e pesquisado colaboram para a construção de um saber negociado, produzido a partir de relações de trocas dialógicas sobre o tema proposto, conforme Grandesso (2011).

Tendo em vista a natureza do assunto essa forma de pesquisa é mais adequada porque não tem como finalidade mensurar comportamentos ou intensidades, mas

compreender os conteúdos envolvidos na construção do significado do tema pesquisado, segundo a visão dos indivíduos investigados, de acordo com Brevidegli e Sertório, (2013).

3.4. Participantes

Os participantes foram convidados pela pesquisadora a contribuir com o estudo sobre o tema e aceitaram prontamente, mobilizados pela satisfação de cooperar com a pesquisa. Foram entrevistados 3 homens com configurações familiares distintas, observando-se os seguintes critérios de inclusão: homens solteiros e sem filhos biológicos a época do início do relacionamento, convivência por mais de 15 anos, ter filhos biológicos dessa união. Não foi considerado como critério de exclusão a existência de vínculo legal ou religioso (casamento) entre o casal e a escolaridade.

As entrevistas foram feitas individualmente, gravadas e transcritas em temas e subtemas. De acordo com o Quadro 1, os três participantes têm profissões diferentes sendo um administrador de empresas, um vendedor de autopeças, e um engenheiro mecânico, tendo em comum o fato de terem convivido, acompanhado e participado da criação dos filhos de um primeiro casamento/relacionamento da esposa.

As mulheres não foram ouvidas têm idades entre 40 e 47 anos, sempre trabalharam fora de casa, sendo uma pedagoga que trabalha como cabelereira, a segunda é vendedora autônoma de roupas femininas, e a terceira é formada em publicidade, exercendo a função de diretora numa empresa de pequeno porte. Todas as três mulheres tinham filhos do sexo masculino menores entre 5 meses e 7 anos na ocasião em que começaram o relacionamento com seus atuais maridos. Das três esposas, duas eram divorciadas e uma solteira no início da relação.

Os três homens eram solteiros sem filhos e desejavam ter filhos biológicos e tiveram seu desejo de paternidade realizado com as atuais esposas. Um dos casais é casado no civil e religioso, um apenas no civil e outro formalizou a união estável recentemente após 17 anos de convivência.

Os filhos também não foram ouvidos são rapazes com idades entre 18 e 24 anos, estudantes e solteiros.

Identificação	Participante 1	Participante 2	Participante 3
Idade	39 anos	51anos	45 anos
Profissão	Vendedor de autopeças	Engenheiro Mecânico	Administrador de Empresas
Esposas	40 anos	47 anos	42
Profissão	Pedagoga	Publicitária	Vendedora
Idade e Sexo Enteados (atual)	18 anos Masculino	23 anos Masculino	24 anos Masculino
Idade inicial	1 ano	5 meses	7 anos
Filhos biológicos do marido Idade e Sexo	13 anos Masculino	14 anos Masculino	18 anos Feminino

Quadro 1. Dados de identificação dos participantes.

3.5. Instrumentos

O instrumento de pesquisa foi um roteiro de perguntas elaborado pela pesquisadora e a Ficha de identificação (Apêndice I) do participante com informações básicas como: nome completo, idade, estado civil, escolaridade, profissão, residência, número de enteado e numero de filhos biológicos. A entrevista semi-estruturada (Apêndice II) realizada a partir de temas relacionados ao assunto pesquisado, como: Namoro, A presença do filho na vida do casal, A família de origem e amigos, A criança e o Casamento. Os subtemas foram: Contato com o pai biológico, Qualidade do relacionamento, Ser uma referência para a criança e a Responsabilidade financeira. Os temas e subtemas objetivaram coletar informações referentes à convivência familiar do entrevistado para compreender como acontece a formação dos laços afetivos entre o marido e o filho da esposa de outro relacionamento. As entrevistas foram gravadas em áudio, com autorização dos participantes e os dados foram transcritos em categorias, sendo os nomes das pessoas mencionadas substituídos por numeral para a preservação da identidade.

3.6. Procedimento

A abordagem aos participantes foi realizada pela própria pesquisadora, sendo solicitada a colaboração na pesquisa. Diante do aceite de todos em participar do estudo, foi marcado um encontro com cada participante, separadamente.

Os participantes compareceram, pontualmente, em dias e horários combinados.

No início de cada entrevista a pesquisadora informou ao participante o objetivo do estudo e como ele poderia contribuir. Em seguida fez a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice III) para o participante que o assinou imediatamente, ficando de posse de uma via devidamente preenchida e assinada pela pesquisadora. Na sequência foi preenchida a Folha de Identificação com as informações de ordem objetiva.

A entrevista teve início e a pesquisadora solicitou ao participante que relatasse sua experiência familiar a partir do tema abordado (Namoro, A presença do filho na vida do casal, A família de origem, A criança e o Casamento). Como eles demonstrassem certa dificuldade em organizar as lembranças de fatos sem um roteiro prévio, foram introduzidas perguntas condizentes ao tema, visando facilitar a fluência da narrativa. Dois dos três participantes não conseguiram lembrar-se das datas, idades, ou seja, se colocarem no tempo e espaço. Um único participante foi preciso em seu relato, inclusive nas datas representativas de acontecimentos importantes como início do namoro, etc.

O roteiro de perguntas serviu como norteador apenas para apoiar o participante na melhor maneira de expor os relatos de suas experiências, conforme Brevidelli e Sertório (2013).

As entrevistas foram individuais em locais privados, em dias e horários distintos para cada um dos participantes. Cada participante necessitou de um tempo diferente para expor suas vivências e experiências. O participante no. 1 utilizou 39,38 segundos para o seu relato. O participante no. 2 utilizou 43,26 segundos. E o participante no. 3 apenas 21,37 segundos. O tempo médio foi de 34,67 minutos. Dois dos participantes se deslocaram ao encontro da pesquisadora e um dos participantes solicitou que a

entrevista fosse feita em seu local de trabalho, o que ocorreu em sala privativa. Depois dos minutos iniciais a entrevista virou um bate papo quase informal nos dois casos em que a pesquisadora recebeu os entrevistados, sem que a pesquisadora se desviasse do foco da narrativa e do material a ser coletado. No terceiro caso o tempo foi utilizado com parcimônia, em virtude do participante se encontrar em ambiente e horário de trabalho. Após a entrevista foi feito um contato telefônico com os três participantes para confirmar pontos que ficaram obscuros como a idade e profissão das esposas.

3.7. Análise dos resultados

Os participantes foram imensamente generosos abrindo as portas de seus universos pessoais, dividindo seus sentimentos e emoções, visando contribuir para essa investigação das relações familiares entre os maridos e filhos de um relacionamento anterior de suas esposas, por acreditarem ser importante o conhecimento do que acontece nesse ambiente.

As informações colhidas, verbais e comportamentais não estiveram livres de uma observação mais atenta da pesquisadora que por vezes notou a incidência de diversas entonações de voz quando o assunto narrado suscitava emoção, por alguma lembrança de um momento marcante ou de pura indignação por algo que causou desconforto no passado. E ainda, uma entonação mais queixosa por algo que gostaria que fosse diferente. Esse movimento é que faz do pesquisador e pesquisado participantes do mesmo sistema, repetindo Grandesso (2011).

A partir do contato sistemático com o material obtido nas entrevistas, texto extraído das gravações e audição da própria gravação, foram sendo notados diferentes conteúdos e sendo percebido nas falas dos participantes outros elementos que mereciam apontamento dentro da pesquisa, tais como: a aceitação ou não do contato com o pai biológico como algo benéfico para o desenvolvimento da criança, o entendimento honesto da qualidade do relacionamento entre eles e os filhos dela, o fato de se perceberem como referência para essas crianças e ainda a questão da responsabilidade financeira. Para atender a essa demanda e esclarecer pontos dessa experiência cotidiana, as narrativas foram divididas em temas e subtemas como forma de tornar a organização dos resultados mais efetiva. Segundo Brevidegli e Sertório (2010), cabe ao pesquisador analisar esses temas e subtemas e realizar o cruzamento dessas informações com a teoria, revelando novas interpretações e explicações para os fenômenos ultrapassando os dados do estudo.

DOS RESULTADOS

CAPITULO 4. DOS RESULTADOS

Em primeiro lugar é preciso destacar postura que os entrevistados mantiveram todo o tempo, desde que foram convidados e aderiram prontamente, até a realização da entrevista, se dispondo a expor suas histórias de vida, suas emoções, lembranças e sentimentos, e a descrever a dinâmica de suas experiências familiares mobilizados pela convicção de estarem prestando uma contribuição importante ao estudo das relações humanas.

O objetivo principal desta pesquisa foi buscar compreender as motivações internas, os interesses e os sentimentos que subjazem a formação dos laços afetivos entre o marido e o filho da esposa.

Entendemos que o objetivo principal foi atendido nos três casos dos relatados pelos participantes entrevistados, de acordo com o conteúdo das narrativas que mostraram todo o tempo uma fusão entre os sentimentos que envolvem a construção da relação com a companheira com os sentimentos que envolvem o desenvolvimento de uma relação satisfatória com o filho da esposa. Essa dinâmica também é confirmada pela teoria.

Quanto aos três objetivos específicos, notamos que os entrevistados por conhecerem os filhos da esposa em tenra idade podem ter desenvolvido inconscientemente um sentimento de solidariedade, motivado pela interpretação também inconsciente do abandono pelo pai biológico, dinâmica corroborada pela teoria.

No segundo objetivo específico, os significados atribuídos à criança vieram na forma da expressão “ele tem dois pais”. O significado é o de filho, inclusive pelo investimento emocional e financeiro que esses homens relatam ter feito ao longo do crescimento das crianças e no caso do participante de numero 2 que formalizou a adoção legal do rapaz.

O terceiro objetivo específico foi a busca de alguma característica desses homens que os tornam diferentes por assumir um relacionamento com essas variáveis. Podemos apontar que uma característica ou virtude comum a esses homens é a generosidade, pois em momento algum eles fizeram questão de evidenciar a diferença entre o filho da esposa de outro relacionamento e o filho biológico nascido dessa união

com ela. Eles foram enfáticos ao afirmar que tudo o que fizeram pelo filho biológico fizeram também pelo filho da esposa.

No âmbito da teoria os participantes trouxeram em suas narrativas elementos que apontam na direção dos estudos de diversos autores nacionais e internacionais como (Winnicott, 2008; Dolto, 2003; Bowlby, 2006; Benghozi, 2010; Giddens, 1993; Ochoa-Torres e Lelong, 2004; Carter e & MC Goldrick, 1995; Macedo, 2008; Cervený 2006), e muitos outros, destacando a complexidade de constituição de um sistema familiar de natureza satisfatória por parte do cônjuge que exerce a função parental ou paternal em relação aos filhos de outro relacionamento da esposa.

Segundo Giddens (1993), mesmo com todos os sofrimentos e situações consideradas desagradáveis ao se desfazer um casamento, novas tentativas de convivência conjugal serão realizadas pelos cônjuges descasados em nome do amor romântico.

“A princípio ela não queria nada foi insistência minha. Quatro dias depois eu liguei pra ela... Nós marcamos um encontro pra uma semana depois que a gente tinha se conhecido. Foi com 10 dias a gente se conheceu no dia 8 e começou a namorar no dia 18 quer dizer a sair. Ela não queria. Ela tinha um certo medo. Ela me disse que os homens eram muito “difícil”.

. A missão desse homem de construir laços parentais dependerá certamente da sua história de vida, de sua relação com a família de origem, das experiências afetivas anteriores e principalmente da disponibilidade emocional para lidar com a lentidão do processo de reconhecimento de ordem social e legal de sua autoridade, aponta Lima, Souza e David (2001).

“Eu comecei a namorar cedo. O relacionamento anterior me amadureceu muito e talvez por isso não tenha me causado tanto choque. Antes de namorar minha esposa eu já tinha tido outras namoradas que tinham filhos. Eu namorei por 4 anos com uma mulher que tinha 2 filhos, pra mim já era uma situação normal”.

Lima (2003) aponta que o cônjuge solteiro quando decide assumir um relacionamento com uma mulher ou homem com filho passa a ter sua decisão questionada e surgem diversos avisos por parte da família de origem e amigos que o

adverte sobre as dificuldades que poderá enfrentar. Essa preocupação está permeada por expectativas e preconceitos.

“ meus pais a minha mãe.... o meu pai... se intrometia muito menos na nossa questão de relacionamento.... a minha mãe não, ela até falava um pouco mais, mas assim “tá feliz, é isso que você quer? “

“Ninguém se opôs, nem na minha família nem na dela”.

“... a família sim, uma ou outra pessoa, mas não pelo fato do filho, mais pelo tempo, “time”, por ter sido coisa muito rápida em função disso...cerca de um ano já estávamos morando juntos. Eu lembro que algumas pessoas se preocuparam mais com isso, se eu estava tomando a decisão certa. Principalmente porque dentro desse prazo ela ficou grávida da nossa filha. Minha mãe já tinha falecido, foi mais os tios e tias que não são próximos. Ela foi recebida na família com algumas restr.... digo reservas em função do tempo e por ter ficado grávida logo cedo. ”Vocês tão indo rápido demais! “.

Constatamos nas narrativas que os participantes deste estudo não sofreram esse tipo de problema. Os parentes e amigos não se envolveram diretamente e a desaprovação quando houve não aconteceu pelo fato de existir uma criança, mas pelo imediatismo das decisões.

Lima, Souza e David (2010), chamam a atenção para o fato de que o novo casal é confrontado imediatamente com as exigências do cotidiano familiar, sem passarem por um período de lua de mel, que favoreça a intimidade e promova a discussão dos arranjos do dia-a-dia, levando-o a não implementar as mudanças necessárias de ordem “pessoal, profissional, de moradia, afetivas e sociais”(p.248). Dão um salto da vida conjugal para a vida parental, sem muita ou nenhuma preparação. A inexistência de acordos prévios entre o casal para definir as estratégias da nova vida familiar, visando facilitar a entrada do novo marido no cotidiano do grupo, bem como a forma de resolver possíveis situações envolvendo as crianças e ainda as regras de convivência com as famílias de origem de cada um, leva o casal a enfrentar maiores dificuldades domésticas diárias, e se confrontar com as exigências provenientes da parentalidade.

“Nós ficamos quase um ano (namorando) e eu já mudei pra casa dela. A princípio nós moramos juntos. Não houve nenhuma preparação ou comemoração. A gente só comunicou. Depois de 4 anos aconteceu o casamento no civil e no religioso”.

“Foi tudo construído na prática. Eu já tinha um treinamento de pai de enteado, de marido. Essa namorada que namorei por 4 anos..(eu já tinha ensaiado). As dificuldades foram de adaptação de um com o outro (casal). A gente é diferente. Ela é reservada, introspectiva, eu sou mais extrovertido. Hoje ajustou”.

De acordo com Bowlby (2006 p.96) “vínculo afetivo é uma atração que um indivíduo sente por um outro indivíduo”. O que podemos inferir que é o movimento que ocorre no início do namoro quando a atração física é o estopim para início do relacionamento que se desenvolverá ou não chegando a uma relação conjugal oficial ou não. Como então entender a ocorrência de um vínculo afetivo entre esse homem enamorado pela mulher que acaba de conhecer e que trás no colo um filho que faz parte de um passado remoto e que fará parte integrante da relação dos dois?

“Nós nos conhecemos numa festa de casamento. Desde o primeiro dia eu já sabia que ela tinha sido casada, já era desquitada e tinha um filho. Eu me interessei por ela independente dela ter filho ou não. No meu pensamento não houve nenhuma barreira”

“Nós nos conhecemos através de um amigo que namorava a irmã dela. Um dia saímos juntos nos conhecemos e pouco tempo depois começamos a namorar. Eu acredito que foi junto, foi uma sintonia ... e aconteceu sem muitas tentativas prévias de ambos os lados. Foi tudo muito rápido em torno de um mês No primeiro dia nós conversamos e ela me disse que tinha um filho”.

“Nós nos conhecemos em nossa cidade, tivemos um namoro muito rápido e depois nos separamos por causa da idade. Éramos adolescentes... Depois eu a encontrei numa festa... Era uma festa a fantasia. Ela estava fantasiada de grávida. Eu brinquei com ela que as fantasias de grávidas eram muito bonitas e ela me disse : ___” Não, eu estou grávida mesmo”. fui encontra-la

novamente numa outra festa... já tinha tido o filho. Começamos a conversar, ali começamos um namoro. O menino, nosso filho, tinha na época 5 meses, era um recém-nascido praticamente.....E aí a gente começou um relacionamento. Ela me contou que havia tido a criança, porém já sabendo que não iria dar continuidade no casamento, por conta de alguns motivos..... e a gente começou a namorar aí. E aí eu levei um tempo pra encontrar o menino. Até por conta de você estar começando um namoro..... Ela... até pra poupar a criança .. Mas foi questão de uns 2 meses e eu acabei já encontrando com o menino”.

“Quando eu falo que foi amor à primeira vista é porque é uma coisa mais sei lá espiritual talvez... quando a criança veio, eu fui... e não uma coisa que você fica forçando uma relação. Para a criança?... acho que foi bem porque ele era muito carinhoso comigo. Ele vinha me abraçava toda hora. Era uma criancinha ainda, mas me abraçava muito, ficava muito comigo...”

A ontogenia dos laços afetivos sugere que os mesmos se desenvolvem porque os seres nascem com uma tendência para a aproximação de determinadas classes de estímulos, especialmente os que lhe pareçam familiares e em contrapartida inclinados a evitar os estímulos que sejam entendidos como potencialmente perigosos. A vinculação teria como função principal a proteção contra predadores, função essa não menos importante quanto a nutrição e a reprodução para a sobrevivência das espécies (BOWLBY, 2006). Seguindo esse raciocínio, poderíamos inferir que a vinculação desse homem a essa criança ocorreria por intuir ou pressentir seu “abandono” por parte do pai biológico ou uma necessidade de proteção imediata, além dos cuidados necessários ao seu bem estar e ainda uma maneira de manter ou preservar o relacionamento conjugal.

“.. eu lembro disso como se fosse ontem, ele não dormia sem a gente dar um passeio de carro com ele, tinha que colocar ele no carro e levar ele pra passear, para ele poder dormir no carro e tinha que levar ele dormindo pra cama. Nessa trajetória..., a mãe dele veio pra São Paulo trabalhar ela tinha uns eventos que ela participava e eu e o menino lá no interior. Ele morando com a mãe dela. Eu morava com os meus pais e trabalhava na cidade. Mas o que eu fazia... eu ia lá pegava o menino botava no carro e eu ia passear com ele..... Depois levava pra mãe dela pôr pra dormir”.

“Às vezes, eu tentava defender ele contra a mãe. Aí, a mãe, claro sempre que tinha, até por ser mãe mesmo tinha mais do que eu, tomava muitas vezes a frente de chamar atenção, repreender e eu por outro lado tentava amenizar. Nada assim, nada serio, mas ...”

Carter e Mc Goldrick (1995) apontam que o fato do cônjuge solteiro chegar a uma família em situação de segunda união, sem uma orientação da sociedade quanto a melhor maneira de desempenhar os inúmeros papéis que o esperam, é um problema sério e que causará muito estresse, colocando a relação conjugal em risco. Elas acreditam que uma simples indicação de como agir em determinadas situações do cotidiano, evitaria muitos conflitos, além de dar uma chance maior para a sobrevivência do relacionamento.

“...inseguro não. Um pouco de medo assim no sentido de será que vou dar conta?. Será que vou conseguir? Foi depois de casado com a vida já.... já estávamos morando juntos..... foi o lado financeiro mesmo do negócio, porque eu queria ter filho meu, eu pensava, eu quero ter filho meu, quer dizer meu, biológico meu, o menino era meu filho, mas eu quero ter mais filho. Será que eu vou conseguir resolver, chegar lá?. Naquela ocasião a gente tava.....o emprego nosso ainda era, digamos emprego incerto. Dificuldade financeira? Tivemos. Eu passei alguns contratempos de emprego também. Saí de um para outro. Isso causou um pouco de turbulência. Mais a questão financeira. Emocional não. Então, isso causou um pouco de turbulência, mas isso é normal”.

Carter e Mc Goldrick (1995) advertem que a reconstrução da vida familiar para os casais em situação de segundas núpcias é muitas vezes tão ou mais complexa que o início do primeiro casamento em si. O novo relacionamento, longe de obter a tão sonhada intimidade imediata entre o novo cônjuge e os filhos, revela outras nuances como os problemas com a relação de moradia, os cuidados cotidianos com os filhos, e que isso exige um longo processo de construção e negociação, nem sempre satisfatório, mas expressado em conflitos constantes, tornando muitas vezes em motivo de mais sofrimento e novos rompimentos conjugais.

“Bom, não é ótimo. Mais por minha culpa do que dele. Ótimo seria acho que ter tido um pouco mais de contato com ele assim, de participado mais junto com ele de algumas coisas...acho que seria um ótimo. Pra chegar num ótimo falta pouco. A relação com ele é uma coisa natural, desde o começo. Não foi forçada. Não foi, eu preciso me dar bem com essa criança porque vou casar com ela, não, não foi assim. Foi uma coisa muito natural mesmo. Nem é ter participado mais da vida dele, mas trazido ele um pouco mais pra mim, tipo vamos sair hoje pra tomar uma cerveja ... Isso pensando mais na fase adulta... fazer dele um companheiro. Mas é muito pouca essa distância do bom pro ótimo. Se eu falar que é ótimo vou estar sendo um pouco arrogante. Mas é bom, o relacionamento é bom. Eu aprendi uma coisa que é sempre falar o que a gente sente para as pessoas que a gente ama. E isto estendeu a todo mundo que tá do lado, inclusive o próprio menino que é meu filho”.

Uma causa de estresse também apontada pelos teóricos da área está relacionada maneira como a mãe conduz a educação do filho. Isso leva a desavenças entre o casal, não apareceriam se o homem fosse ouvido e sua opinião levada em conta.

“Não, não que eu me lembre. Depois de velho deu (risos). Depois de velho deu, mas é educação de filho né, bate um pouco né, a diferença... você quer educar de um jeito a mulher quer educar de outro. Você acha certo isso...”

Outro fator de estresse sempre presente nessa nova construção familiar é a figura do pai biológico. Essa figura aparece como ameaça à completude e auto-suficiência da nova família, seja ele considerado descontínuo ou falecido, de acordo com Lima, Souza e David (2001).

“O contato com o pai biológico era praticamente zero. Acho que já estava sem contato nenhum. Inclusive até uma coisa que ela abriu mão e eu incentivei ela a abrir mão da pensão alimentícia que ele teria que pagar. Ele nunca pagou a pensão alimentícia. Ele nunca pagou. Eu falei esquece isso, inclusive é a única coisa que prende uma pessoa hoje é a pensão alimentícia e ele nunca pagou se ele não está dando satisfação é melhor pra todo mundo. Melhor pra você, melhor pra mim, melhor pra criança que ele não apareça, que ele não venha mesmo já que não quer... deu atenção, nunca deu. Não vou procurar a pessoa pra pedir pensão alimentícia”.

“Ele tinha ligação com o pai biológico. Sempre teve. O pai sempre foi presente. Ele é meu enteado. Sempre foi porque ele tem pai presente e ele gosta. Ele mora há 4 anos com o pai depois que a avó morreu”.

“...num fim de semana a gente curtia ele e no outro ele ia pra casa do pai biológico. Ele morou todo esse tempo com a gente até os 12 anos. Nós mudamos para o interior e ele não gostava de lá, depois de 1 anos ele resolveu ir morar com o pai. Toda sexta ele vem. Ele ficou um mês em casa, aí o pai começou a reclamar a presença dele”.

O investimento emocional e de tempo para desempenharem os afazeres do dia-a-dia, causam, segundo Lima (2003) certa desordem não deixando claro o real posicionamento desse homem, se companheiro da mulher ou pai da criança. Acrescento que as duas relações de conjugalidade e parentalidade se confundem ou se fundem numa única relação, num único vínculo.

“Veio os dois juntos. (mãe e filho) Pacote fechado! Quando os conheci... eu tentei conquistar também a criança. Se a criança não aceitar, a mãe não vai querer. Eu acho que por eu gostar da mãe é que ele se aproximou de mim e me aceitou. Eu sempre aceitei ele e ele me aceitou. Ele me chamava de tio. Com um ano que eu estava morando com ela, ele me chamou de pai. Ele tinha quase 2 anos quando a gente foi morar junto. Depois que ele fez 3 anos ele começou a me chamar de pai e chama até hoje. Apesar dele morar com o pai biológico, ele me chama de pai. Ele tem dois pais”.

“Tudo foi construído junto (laços entre o casal e a criança). A gente não conseguiria construir esse relacionamento, essa história, essa família, se ele não estivesse. Estaria incompleto. Acho que jamais conseguiria construir alguma coisa faltando um pedaço. É como um quebra cabeças”.

Ainda de acordo com a tese de Lima (2003), esses homens se percebem como bons exemplos para os filhos da esposa, a figura masculina presente e possível. Esforçam-se para transmitir as crianças e adolescentes conceitos de respeito, generosidade e responsabilidade. O retorno esperado está diretamente ligado ao respeito e valorização de sua pessoa no grupo familiar.

“Muita gente acha que ele se parece mais comigo do que com o pai (biológico). Acho que a parte da responsabilidade ele se parece mais comigo, mais comigo não, comigo só. Eu acho que essa qualidade é minha, ser responsável. Eu posso apontar isso que ele se parece comigo”.

“Ele é... ele busca os seus direitos, ele é uma pessoa que se ele está certo ele vai atrás..... eu brigo, sou briguento, quando eu to certo eu exijo os meus direitos, o que eu tenho direito eu vou atrás, mas ele é assim também. vejo ele como eu que compra uma briga. Se precisar o ele compra a briga, se ele achar que o amigo dele tem razão ele compra a briga do amigo. Se precisar brigar ele vai até o fim”.

“Ele me respeita demais”.

Nas famílias em segundo casamento, a participação financeira do pai biológico é percebida pelo cônjuge com reservas. Os homens parecem sentir e até aceitar a falta de condições financeiras dos pais, mas não aceitam facilmente o desrespeito e a falta de atenção e afeto para com as crianças. E também que o fato do pai não contribuir financeiramente é uma desconsideração a sua pessoa, como cuidadores diários da criança, pois acabam assumindo também as necessidades financeiras do filho da esposa.

“Tudo o que fiz por ela (filha biológica) fiz por ele. Investimento em escola, etc...”

“Eu sempre arqueei com as despesas dele. Ele acabou de se formar num curso técnico e eu que paguei. A responsabilidade financeira na vida dele foi minha e da mãe dele. Eu me preocupo (futuro). Ele desde os 16 anos trabalha. Agora fez esse curso técnico. Já saiu do primeiro emprego, já arrumou o segundo emprego melhor na área do curso. Prestou vestibular.... passou”.

“...inclusive até uma coisa que ela abriu mão e eu incentivei ela a abrir mão da pensão alimentícia que ele teria que pagar. Ele nunca pagou a pensão alimentícia. Ele nunca pagou. Eu falei esquece isso, inclusive é a única coisa que prende uma pessoa hoje é a pensão alimentícia e ele nunca pagou se ele não está dando satisfação é melhor pra todo mundo. Melhor pra você, melhor pra

mim, melhor pra criança que ele não apareça, que ele não venha mesmo já que não quer... deu atenção, nunca deu. Não vou procurar a pessoa pra pedir pensão alimentícia...”

Participante/ Temas	Participante no.1	Participante no. 2	Participante no.3
O NAMORO	Nós nos conhecemos numa festa de casamento. Eu me interessei por ela independente dela ter filho ou não. No meu pensamento não houve nenhuma barreira. Quatro dias depois eu liguei pra ela... Nós marcamos um encontro pra uma semana depois... Nós ficamos quase um ano (namorando) e eu já mudei pra casa dela.	Era uma festa..... Eu brinquei com ela que a fantasia de grávida era muito bonita e ela me disse : “ Não, eu estou grávida mesmo” . Depois eu fui encontra-la novamente numa outra festa, o filho já tinha nascido... Começamos a conversar, ali começamos um namoro.	Nós nos conhecemos através de um amigo que namorava a irmã dela. No primeiro dia nós conversamos e ela me disse que tinha um filho. A primeira vez que o vi, eu me lembro que a gente deu carona pra ele. Ele estava indo a algum lugar, não sei aonde, talvez indo pra casa do pai.
A PRESENÇA DA CRIANÇA NA VIDA DO CASAL	Desde o primeiro dia eu já sabia que ela tinha sido casada, já era desquitada e tinha um filho.num fim de semana a gente curtia ele e no outro ele ia pra casa do pai biológico.	questão de uns 2 meses e eu acabei já encontrando com o menino. ... e foi aí um negócio gozado. Gozado e bonito, foi um negócio, um meio que amor a primeira vista.	As vezes, eu tentava defender ele contra a mãe. Aí a mãe, claro sempre, que tinha até por ser mãe mesmo. Tinha mais do que eu ... tomava muitas vezes a frente de chamar atenção, repreender e eu por outro lado tentava amenizar. Nada assim, nada sério, mas
FAMÍLIA DE ORIGEM – AMIGOS	Ninguém se opôs, nem na minha família nem na dela.	... a minha mãe, ela até falava um pouco mais, mas assim “tá feliz, é isso que você quer?” Graças a Deus eu não tive problema com nada, nem com a minha família nem com a família dela, nem comigo mesmo.	Ela foi recebida na família com algumas restr.... digo reservas em função do tempo e por ter ficado grávida logo cedo. “Vocês tão indo rápido demais!” .
A CRIANÇA	Eu sempre aceitei ele e ele me aceitou. Depois que ele fez 3 anos ele começou a me chamar de pai e chama até hoje. Apesar de ele morar com o pai biológico, ele me chama de pai. Ele tem dois pais.	...foi amor à primeira vista é porque é uma coisa mais sei lá espiritual talvez... Mas foi questão de uns 2 meses e eu acabei já encontrando com o menino. Ele me chama de pai.	Foi um contato tranquilo, era um menino calado no primeiro contato, mas depois falava bastante. Dócil, sempre. Ele tem dois pais.
O CASAMENTO	A princípio nós moramos juntos. Não houve nenhuma preparação ou comemoração. A gente só comunicou. Depois de 4 anos aconteceu o casamento no civil e no religioso.	Quando a gente decidiu que deu certo alugamos um apartamento.....e trouxemos o menino,.... Ele tinha 4 ou 5 anos. Casamos no papel (civil), na igreja não, a gente ainda vai casar na igreja...	As dificuldades foram de adaptação de um com o outro (casal). A gente é diferente. Ela é reservada, introspectiva, eu sou mais extrovertido. Hoje ajustou. Fizemos a união estável, recentemente.

Quadro 2. Temas

Participantes/ Subtemas	Participante no.1	Participante no. 2	Participante no.3
CONTATO COM O PAI BIOLÓGICO	...num fim de semana a gente curtia ele e no outro ele ia pra casa do pai biológico;	O contato com o pai biológico era praticamente zero (por volta dos 2anos). Acho que já estava sem contato nenhum.	Ele tinha ligação com o pai biológico. Sempre teve. O pai sempre foi presente.
QUALIDADE DO RELACIONAMEN TO	Não posso reclamar dele em nenhum momento, em nenhuma situação. Eu sinto que ele tem respeito por mim. Dou conselhos. Acho que converso mais com ele do que com o mais novo.	A relação com ele é uma coisa natural, desde o começo. Bom, não é ótimo. Mais por minha culpa do que dele. Ótimo seria acho que ter tido um pouco mais de contato com ele assim, de participado mais junto com ele de algumas coisas...acho que seria um ótimo. Pra chegar num ótimo falta pouco	Nós temos um relacionamento ótimo. Quando estamos juntos conversamos de tudo.
SER UMA REFERÊNCIA PARA A CRIANÇA	Muita gente acha que ele parece mais comigo do que com o pai (biólogo); Acho que a parte da responsabilidade ele se parece mais comigo. Mais comigo não. Comigo só.	Quando eu to certo eu exijo os meus direitos, o que eu tenho direito eu vou atrás, mas ele é assim também. ... Eu o vejo como eu que compra uma briga.	Ele morou até os 20 anos com a gente e eu dava conselhos, alertava. Agora já não faço. Ele mora há 4 anos com o pai depois que a avó morreu.
A RESPONSABI LIDADE FINANCEIRA	Eu sempre arqueei com as despesas dele. Ele acabou de se formar num curso técnico e eu que paguei. A responsabilidade financeira na vida dele foi minha e da mãe dele.	Ele nunca pagou a pensão alimentícia. Ele nunca pagou. Eu falei esquece isso... já que não deu atenção, nunca deu. Não vou procurar a pessoa pra pedir pensão alimentícia...	Tudo o que fiz por ela (filha biológica), fiz por ele. Investimento em escola... etc.

Quadro no. 3 – Subtemas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lar é um terreno fértil para as relações humanas. E os sentimentos são as sementes que germinarão nesse terreno se receberem água (atenção) e luz (generosidade). Os relacionamentos são as flores, os frutos ou os espinhos que brotarão ao fim do tempo certo. Numa família reconstruída, o ambiente familiar é o cenário onde os personagens estão em busca do desenvolvimento dos laços afetivos através do entendimento e desempenho de suas funções conjugais, parentais e (por que não filiais?), visando o êxito relação.

Quando um casal rompe o laço conjugal, sejam esses cônjuges casados formalmente, ou apenas tendo se relacionado por algum tempo, rompe-se com ele o ideal de amor. E embora isso não inviabilize uma nova tentativa romântica no futuro, as mágoas e sofrimentos da vivência de separação deixam marcas e cicatrizes provenientes. O ideal amoroso foi substituído pela frustração.

Através das narrativas dos homens entrevistados, notamos que o homem que investe num relacionamento com uma mulher com filhos é quem se empenha muito, não medindo esforços para corresponder a essa responsabilidade pela construção dos vínculos conjugal e parental. Essa construção acontece no cotidiano doméstico, na prática, sem nenhuma preparação ou orientação, como trouxeram dois dos três entrevistados. Mesmo com toda essa disposição, principalmente emocional, esse homem não deixa passar por momentos de desconfiança, medo e fragilidade na condução das relações. Isso porque muitas vezes ele chega a essa relação e encontra os filhos dela ainda bebês ou crianças menores na tenra infância, necessitando de muito investimento emocional e material. Fato esse corroborado pela teoria.

Este trabalho não é conclusivo e o assunto demanda muitas pesquisas para ampliar o campo de compreensão, visando o conhecimento cada vez maior desse tema pouco conhecido das relações familiares.

REFERÊNCIAS

BENGHOZI, P. Malhagem, filiação e afiliação. São Paulo: Vetor. 2010. p.16, 17, 23, 160.

BOWLBY, J. Formação e Rompimento dos Laços Afetivos. 4ª edição – São Paulo. Martins Fontes. 2006. p. 96, 97, 98.

_____. Cuidados Maternos e Saúde Mental. São Paulo: Martins Fontes, 1981 p. 74,75.

BREVIDELLI, M.; S.C.M. TCC – Trabalho de Conclusão de Curso: Guia prático para docentes e alunos da área de saúde 4.ed.rev.atual.e ampl. – São Paulo: Iátria, 2010.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. As mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. 2.ed. Porto Alegre: Artmed. 1995.p.350, 351, 354, 355,

CERVENY, C.M.O. Família e filhos nos divórcios. In: CERVENY, C.M.O. (org.). Família e...Narrativas, Gênero, Parentalidade, Irmãos, Filhos nos divórcio, Genealogia, História, Estrutura, Violência, Intervenção Sistêmica, Rede Social. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006.

CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C.M.E. Visitando a família ao longo do ciclo vital. 3.ed. São Paulo: 2010.

DEL PRIORE, M. Histórias e Conversas de Mulher. São Paulo: Planeta, 2013.

DOLTO, F. Quando os pais se separam. Rio de Janeiro: Zahar .2003.p.11

GALANO, M.H. Família e história: a história da família. In: CERVENY, C.M.O. (org.). Família e...Narrativas, Gênero, Parentalidade, Irmãos, Filhos nos divórcio, Genealogia, História, Estrutura, Violência, Intervenção Sistêmica, Rede Social. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006.p.115-148.

GIDDENS, A. A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp. 1993.

GOOS, A.F.G. Formação e rompimento dos laços afetivos. 2010. 2f. Monografia (Curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional) - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” UNESP/FCL – Araraquara. São Paulo.
www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select. Acesso em 21.01.2015..

GRANDESSO, M.A. Sobre a Reconstrução do Significado: Uma Análise Epistemológica e Hermenêutica da Prática Clínica. 3.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

HEILBORN, M.L.; BRANDÃO, E.R. Introdução: ciências sociais e sexualidade.In:HEILBORN, M.L.(org.).Sexualidade: o olhar das ciências sociais, IMS/UERJ. Rio de Janeiro:Zahar, 1999. p. 7-17.

KALIL, G. Filhos. *Pensador.uol.com.br* acessado em 27.02.2015.

LEVY, L. “A vingança será maligna”: um estudo sobre a alienação parental. In: FÉRES-CARNEIRO, T.(org.).Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2011. p.95-105.

LIMA, M.T.A. Ser ou não ser: a experiência do homem nos cuidados com os filhos da companheira. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo. 2003.

LIMA, M.T.A.;SOUZA,R.M.; DAVID, P.C. Eu, minha mulher e os filhos dela. Revista da Faculdade de Psicologia da PUC-SP Nov. 2001. Vol.12 no.2.

MACEDO, R.M.S., Família e... Comunicação, Divórcio, Mudança, Resiliência, Deficiência, Lei, Bioética, Doença, Religião e Drogadição. In: CEVERNY, C.M.O. (org.). 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.p.prefácio.

RODRIGUES, A.F. Como elaborar e apresentar monografias. 3.ed.atual. São Paulo: Humanitas, 2008.

SILVA, M.L.C.M.; AMAZONAS, M.C.L.A. A preservação dos vínculos parentais no contexto da guarda compartilhada. In: FRANCO M.H.P.(org.). Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade. São Paulo: Summus, 2010.p. 214-238.

SOUZA, R.M.; LIMA, M.T.A. Eu e os filhos da minha mulher uma relação tão delicada. In: FRANCO M.H.P.(org.). Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade. São Paulo: Summus, 2010. p. 239-263. p.248, 251

WINNICOTT, D.W. A criança e o seu mundo. 6.ed.11.reimp. Rio de Janeiro: 2008.

ZORNIG, S.M.A.J. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. Tempo Psicanalítico. Vol.42 no.2. Rio de Janeiro. Jun. 2010. pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-48382010000200010 acesso em 14.01.2015.

APÊNDICE I

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo:

Idade:

Estado civil:

Escolaridade:

Profissão:

Residência :

Número de Filhos:

Número de Enteados:

APÊNDICE II

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1) Namoro

Onde e como você conheceu sua esposa?

Quando e como começou o romance entre vocês?

Quem deu o primeiro passo para o início do relacionamento?

Você lembra o que sentiu quando foram apresentados?

Quanto tempo durou o namoro?

2) Presença do filho na vida do casal

Como tomou conhecimento da existência de um filho na vida dela?

Como você se sentiu quando soube?

Pensou em desistir da aproximação por esse motivo?

3) Famílias de origem

Como o relacionamento foi recebido pela sua família, amigos, etc.?

Como você foi recebido pela família de sua esposa, amigos, etc.?

Como sua esposa foi recebida pela sua família e amigos?

Como a criança foi recebida pela sua família e seus amigos?

Você enfrentou alguma dificuldade em relação a família tanto sua como a dela?

Quais?

4) A Criança

Qual a idade da criança quando vocês se conheceram?

Como foi o primeiro contato com a criança?

Como você acha que foi para a criança te conhecer?

A criança convivia com vocês com frequência?

A criança deu algum motivo de desavença entre o casal?

A criança tinha ligação com o pai biológico?

Como você classifica o relacionamento entre você e o filho de sua esposa?

Péssimo; Bom; regular; Ótimo.

Você se preocupa com ele?

Como você se refere a ele ?

Você percebe nele respeito por você?

Você o respeita e sente por ele amor paternal?

Você tem um filho biológico?

Ele conhece a situação do meio-irmão?

Eles se relacionam bem?

O que você faria pelo seu filho biológico que não faria pelo filho de sua esposa?

Você tem responsabilidade financeira com o filho de sua esposa?

O filho de sua esposa te deve alguma coisa?

Vocês se divertem juntos? Como é o lazer entre vocês?

Você tem as mesmas preocupações com os dois filhos?

5) Casamento

Houve período de noivado?

O casamento aconteceu quanto tempo depois de iniciado o relacionamento?

Vocês se casaram no civil e no religioso?

Como foi a preparação para o começo de vida em comum?

Como o casamento foi recebido pela família, amigos, etc.?

Em algum momento você foi aconselhado a não assumir essa responsabilidade?

Por quem?

Em algum momento você pensou em desistir ou se sentiu inseguro?

Vocês tiveram alguma dificuldade de relacionamento no início do casamento?

Quais?

Você acredita que o sentimento que o une a sua esposa se estende de certo modo ao filho dela?

Se você não tivesse aceitado o filho dela, ela teria ficado com você?

Você alguma vez teve vontade de dizer ou disse “ou ele ou eu” para sua namorada ou esposa?

Você acredita que possui alguma característica especial por ter assumido um relacionamento com essas variáveis?

Você reconhece no filho de sua esposa alguma característica sua que ele tenha apreendido nesses anos de convivência?

O que mais você gostaria de me dizer que faltou eu perguntar e que seria relevante, no seu entender para a pesquisa?

Você gostaria de receber o resultado dessa pesquisa?

Muito obrigada pela sua participação.

APÊNDICE III

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “ ***A construção dos laços afetivos pelo marido que assume o filho da esposa***”, realizada pela psicóloga e pesquisadora Maria Alzira Guimarães Mendes Suzuki. Trata-se de um estudo sobre como se dá a construção dos laços afetivos pelo marido que assumi o filho da esposa. Sua participação consistirá em responder a algumas perguntas, o que deve levar entre 2 ou 3 horas. Solicito que sua entrevista seja gravada para garantir um melhor registro das informações. Esse estudo não apresenta qualquer risco aos participantes. Seu nome será preservado e permanecerá em sigilo absoluto. Ao término desta pesquisa, os resultados serão divulgados, ficando a disposição dos participantes junto à pesquisadora. Sua participação é voluntária, ou seja, você tem o direito a não participar desta pesquisa e, caso aceite participar, fica assegurada a sua liberdade de não responder as perguntas que considerar inoportunas. Também fica garantido seu direito de desistir em qualquer momento de participar da pesquisa. A sua participação na pesquisa não lhe trará nenhum custo, benefício individual ou compensação financeira. No entanto, é importante que participe, pois as informações fornecidas podem ajudar na compreensão de indivíduos em situação de casamento com pessoas que tenham filhos de outra união, de adoção unilateral, de filiação sócio-afetiva e na reflexão da prática clínica com famílias em situação semelhante a sua. Este “TCLE” foi elaborado em 2 (duas) vias, uma ficando com o participante da pesquisa e outra em poder da pesquisadora. Maiores esclarecimentos ou dúvidas sobre essa pesquisa, fale diretamente com a pesquisadora responsável. Coloco-me a disposição para maiores informações ou orientação mesmo após a entrevista pelo telefone: (11) 99103-9282 ou pelo e-mail: Alzira_suzuki@uol.com.br.

Maria Alzira Guimarães Mendes Suzuki – pesquisadora

Eu, _____
RG/RNE _____, consciente e livremente, mediante o exposto acima, aceito participar desta pesquisa como voluntário e autorizo a utilização dos dados da entrevista para estudo e publicação.

Endereço: Rua _____ No. _____

Complemento _____ Bairro _____ CEP _____

Nome do Participante: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

São Paulo, _____/_____/2015.